



Dekasseguês: Um português diferente?

Variações linguísticas e interculturalidade nas migrações contemporâneas dentro do sistema-mundo moderno

Nilta Dias

Sophia University



Resumen

Veinticinco años de movimiento decasségui son un ejemplo de la diáspora brasileña —especialmente japonesa brasileña— dentro del sistema-mundo capitalista moderno. En este contexto, muchos decasséguis se esfuerzan por preservar su identidad brasilera a través de portugués. Sin embargo, el contacto con la lengua japonesa está dando lugar al *dekassequês*, variante del portugués caracterizada por el uso de palabras y expresiones japonesas en las conversaciones cotidianas. En este artículo, presentaremos consideraciones relacionadas al *dekassequês* así como al prejuicio contra esta variante lingüística y las personas que lo utilizan.

Palabras claves: *Dekasseguês*, Movimiento decasségui, Migraciones internacionales, Teoría del sistema-mundo, Interculturalidad.

Resumo

Os 25 anos do movimento decasségui são um exemplo da diáspora brasileira —sobretudo nipobrasileira— dentro do sistema-mundo moderno e capitalista. Nesse contexto, muitos decasséguis se esforçam para preservar sua identidade brasileira através do português. No entanto, o contato com a língua japonesa está dando origem ao *dekassequês*, variante do português caracterizada pelo uso de palavras e expressões japonesas nas conversas cotidianas. Neste artigo, apresentaremos considerações referentes ao *dekassequês*, bem como ao preconceito linguístico em relação a essa variante e às pessoas que a usam.

Palavras-chave: *Dekasseguês*, Movimento decasségui, Migrações internacionais, Teoria do sistema-mundo, Interculturalidade.



Abstract

The twenty-five years of the decasségui movement are an example of the Brazilian diaspora —especially Japanese Brazilian— within the modern capitalist world-system. In this context, many decasséguis strive to preserve their identity through the use of Brazilian Portuguese. However, contact with the Japanese language is giving rise to Dekasseguês, a variant of Portuguese characterized by the use of Japanese words and expressions in everyday conversations. In this article, we present important considerations relating to Dekasseguês, as well as the linguistic prejudice against this variant and the people who use it.

Key Words: *Dekasseguês*, Dekassegui movement, Internacional migrations, World-System, Interculturality.

Acerca de Nilta Dias

Nilta Dias é mestre em Educação pela Universidade de Yamanashi (2003), Japão. Participou do Programa de Formação de Professores na Universidade de Yamanashi (2000-2001), estagiou na Secretaria de Educação de Yamanashi (1997-1998). Foi professora-assistente em escolas públicas japonesas – Programa de atendimento bilíngue a crianças estrangeiras, Província de Gunma (2004-2007). Atualmente é Professora no Departamento de Estudos Luso-Brasileiros, Faculdade de Estudos Estrangeiros da Universidade Sophia, Tóquio. Suas áreas de investigação são ensino, aprendizado e uso da língua portuguesa no Japão, educação transcultural, questões multiculturais, migração transnacional e estudos de gênero, religiosos e pós-coloniais.

Cita recomendada de este artículo

Nilta Dias (2015). «Dekasseguês: Um português diferente? Variações linguísticas e interculturalidade nas migrações contemporâneas dentro do sistema-mundo moderno». *Horizontes Decoloniales* Volumen 1, No. 1: pp. 62–101. [Revista digital]. Disponible en: <<http://www.gemrip.com.ar>> [consultado el dd de mm de aaaa].





Introdução

Neste ano de 2015, comemoramos os 120 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação Brasil-Japão e também os 25 anos do movimento decasségui.¹ A reforma da lei japonesa de controle de imigração, que passou a vigorar em 1º de junho de 1990, implementou a política de mão de obra estrangeira e tornou-se um marco histórico do movimento decasségui (Córdova Quero, 2009b: 21-22). Porém, é importante destacar que mesmo antes desta data já havia um grande movimento migratório de *nikkeis*² brasileiros para o Japão (Reis, 2001: 26-34). Desde que o governo japonês abriu as portas do país para trabalhadores estrangeiros, a comunidade brasileira representa uma parcela bastante significativa da população de decasséguis latino-americanos no Japão.

A migração dos *nikkeis* faz parte dos movimentos migratórios internacionais do sistema-mundo, movimentos estes produzidos para prover mão de obra barata ao sistema capitalista moderno (Córdova Quero, 2009b: 23). A noção de sistema-mundo proposta pelo acadêmico Immanuel Wallerstein (1976) é a chave para compreender as «características relacionais dos estados» e conseqüentemente os grupos de trabalhadores «dentro da economia-mundo» (p. xi). Neste sentido, a decisão do governo japonês de conceder vistos de trabalho para os *nikkeis* não constitui uma ação isolada das flutuações do sistema-mundo. Pelo contrário, está inserida na economia-mundo na qual os trabalhadores migrantes, nos países industrializados, fazem parte de um

¹ Grafia portuguesa da palavra japonesa *dekasegi*. Neste texto esta palavra será usada para fazer referência tanto ao movimento migratório Brasil-Japão como aos que vieram trabalhar como mão de obra direta no Japão.

² A palavra *nikkei* —do termo japonês *nikkeijin*— será usada com o sentido de descendentes de japoneses nascidos em outros países.



sistema informal e flexível a fim de baratear os custos de produção dentro da concorrência pela mão de obra barata com outros países industrializados desde a década de 1970 (Dore, 1986: 93). No entanto, uma das consequências dos deslocamentos dos migrantes é a interculturalidade presente no contato entre os estrangeiros e os nacionais nessas sociedades industrializadas. Nesse contexto, a linguagem representa um dos principais ambientes onde as dinâmicas da interculturalidade revelam-se com grande força.

Os decasséguis brasileiros espalharam-se pelo arquipélago japonês e, pela oferta de trabalho devido a concentração de fábricas ou indústrias, algumas regiões como as províncias de Aichi, Shizuoka, Gunma e Kanagawa possuem grandes comunidades brasileiras. Nessas comunidades é possível observar que muitos se esforçam para preservar a cultura brasileira e manter os vínculos com o Brasil e, para isso, o idioma português representa o elo principal. Em alguns casos, esse esforço é também resultado da marginalização sofrida por muitos *nikkeis* desde o começo do movimento decasségui no Japão, o que pode ser observado também no âmbito de trabalho (Tsuda, 2000: 18). Tanto Joshua Hotaka Roth (2001) como Takeyuki Tsuda (2003) relatam que historicamente a interação entre os decasséguis e os nacionais japoneses além de escassa, muitas vezes pode suscitar novos conflitos. Nem sempre a convivência entre os japoneses e os brasileiros é harmoniosa, por isso muitas das atividades para interação e intercâmbio acabam se transformando em «aulas de como não incomodar os japoneses» ou «como se comportar como um japonês». Mas, na realidade, estas oportunidades deveriam servir —entre outras coisas— para um aprendizado mútuo e desenvolvimento da capacidade de respeitar e aceitar o outro apesar das diferenças.



Contudo, mesmo tendo pouca interação social e um forte desejo de preservar a língua portuguesa, já é possível perceber que o contato com a língua japonesa está dando origem a um português diferente. Estamos percebendo o surgimento de mais uma variante da língua portuguesa que está sendo chamada de *dekassequês*.³ Na verdade, o surgimento dessa variante da língua portuguesa no Japão é também uma característica da interculturalidade que reflete processos similares no sistema-mundo tais como o *Tex-Mex* —também conhecido como *Spanglish*— no sul dos Estados Unidos, entre o espanhol e o inglês falado tanto por alguns imigrantes latino-americanos no país como pelos descendentes dos colonos espanhóis que se instalaram na região a partir do século XVI (Cornell, 1997: 226-227).

Durante a pesquisa bibliográfica, notamos uma carência de artigos científicos sobre o *dekassequês*. Os artigos pesquisados trazem citações e/ou comentários importantes sobre esta variante, mas ela não é tratada como tema principal. Por exemplo em «Zainichi burajirujin kōkōsei • daigakusei no gengo seikatsu to aidentiti» [Hábitos linguísticos e identidade dos estudantes brasileiros de ensino médio e universitários no Japão], Yoshimi Shigematsu (2012: 63-64) apresenta algumas frases para exemplificar a fala de estudantes brasileiros que estudam em escolas japonesas, faz algumas considerações sobre os exemplos, mas seu enfoque específico não é o *dekassequês*. Por outro lado, Akira Kono (1996a: 85-88), em «Burajiru no porutogarugo • Nihon no porutogarugo» [A língua portuguesa do Brasil e a língua portuguesa do Japão], também apresenta exemplos e comentários sobre o uso de palavras japonesas em conversas

³ Neste artigo manteremos a grafia com «K», que até o presente momento é a mais usada.



em português, mas não aprofunda suas análises sobre o *dekassequês*.

No entanto, fora do âmbito acadêmico, encontramos exemplos do *dekassequês* em textos de revistas como *Gambare* e *O Patifúndio* —entre outras—, publicações impressas no Japão, em língua portuguesa. Ao mesmo tempo, *blogs* como *Isto é Japão! Vivendo e Aprendendo*, *Meu Japão* e *Overmundo* —entre outros— abordaram o assunto de maneira mais informal, mas com seriedade. Os autores fizeram colocações e indagações que, independentemente de serem consideradas «corretas» ou «equivocadas», podem constituir pistas importantes para futuras pesquisas acadêmicas.

No presente artigo abordaremos o *dekassequês* — português falado por muitos *decassegúis* brasileiros que vivem no Japão e que ao falarem português misturam espontaneamente palavras do português e do japonês e ou criam novas palavras pela junção dos dois idiomas. Nosso objetivo é apresentar exemplos e considerações referentes a algumas características desta linguagem oral utilizada na comunicação informal e diária e fazer um alerta contra o preconceito linguístico em relação ao *dekassequês* e às pessoas que o usam. Sabemos da importância de uma análise minuciosa das características linguísticas dessa variante, mas neste artigo —devido à limitação de espaço— só apresentaremos características gerais, deixando casos mais particulares para futuras publicações.

Os exemplos apresentados neste artigo são parte do trabalho de campo realizado por nós, entre maio de 2012 e março de 2015, nas cidades de Ōizumi e Ōta, na Província de Gunma, Japão. Esse trabalho incluiu entrevistas, questionários e observação participante. Nas entrevistas, objetivando conseguir informações que caracterizassem as ideias e opiniões originais dos entrevistados, foram feitas perguntas abertas sobre o uso da língua portuguesa, da



língua japonesa, sobre a comunicação diária com brasileiros e japoneses etc.

Os questionários foram elaborados com perguntas específicas e foram respondidos por 64 alunos de escolas brasileiras —Ensino fundamental e Médio— e 20 adultos brasileiros da comunidade —idades entre 24 e 65 anos—. Os questionários foram importantes para nos fornecerem dados referentes aos termos mais usados e também foram fundamentais para confirmar a hipótese de que esta variante é muito mais usada entre os falantes mais velhos —primeira e segunda gerações de decasséguis—. Também suscitou a hipótese de que o termo *dekassequês* provavelmente seja muito comum em textos acadêmicos, jornalísticos ou em textos escritos com o objetivo de fazer referência específica à linguagem usada pelos brasileiros no Japão. Muitos entrevistados, principalmente os alunos, não demonstraram familiaridade com o termo. Por exemplo, quando perguntamos: «Vocês falam *dekassequês*?» muitos demonstraram não entender o que estava sendo perguntado, mas quando perguntamos: «Vocês usam palavras japonesas quando estão conversando em português?», pudemos perceber que todos compreenderam.

A comunidade brasileira nas cidades de Ōizumi e Ōta

As cidades de Ōizumi e Ōta estão localizadas na província de Gunma, a mais ou menos 100 km de Tóquio. Representam boas oportunidades de trabalho para os decasséguis porque possuem grandes empresas como Panasonic, Shigeru, Subaru, Towa e outras. Embora sejam duas localidades administrativas diferentes, para muitos decasséguis que moram na região é como se as duas formassem uma só comunidade brasileira na qual Ōizumi é o grande centro



onde tudo acontece. Muitas pessoas moram em Ōta, mas estão sempre em Ōizumi para trabalhar, fazer compras, participar de eventos etc. Ōizumi está ficando cada vez mais conhecida como «Brazilian Town» por possuir um grande número de brasileiros (Tsuda, 2003).

Gráfico 1. Localização das cidades de Ōta e Ōizumi



Fonte: Elaboração própria da autora.

A comunidade brasileira local, cujo principal diferencial é estar concentrada numa determinada área, é formada por muitos decasséguis que vivem na cidade há mais de 20 anos. Ao longo do tempo foram se organizando e contribuindo para a criação de uma infraestrutura de serviços e comércio



brasileiros. Os que residem nestas cidades ou nas proximidades, têm fácil acesso a diferentes serviços prestados por brasileiros e em língua portuguesa. Para atender às necessidades da comunidade, os próprios brasileiros foram criando escolas, creches, salões de beleza, restaurantes, lanchonetes, açougues, padarias, lojas de roupas e acessórios, lojas de eletrônicos, oficina mecânica, etc.

Além destes, a comunidade brasileira pode contar ainda com a assistência de tradutores-intérpretes nas prefeituras das duas cidades e em algumas escolas públicas. Também podem usufruir de vários serviços oferecidos por japoneses para japoneses, mas com o diferencial de oferecerem a opção de atendimento em português para os muitos clientes brasileiros que não falam japonês. Podemos citar, entre outros, serviços de tradução em imobiliárias, seguradoras, consultórios odontológicos e lojas de vendas de celulares (Tsuda, 2003). É neste contexto bem brasileiro e que possui um ambiente e situações que possibilitam o uso quase que exclusivo da língua portuguesa que encontramos muitos falantes de *dekassequês*.

Variedade linguística

Embora ainda não haja muitas publicações científicas que abordem detalhadamente o fenômeno da variedade linguística referente ao *dekassequês*, ele vem chamando a atenção já há alguns anos. Não é possível precisar a data em que tudo começou porque as mudanças linguísticas acontecem gradualmente. Mas Akira Kono (1996b), no artigo «Nihongo to porutogarugo no gengo sesshoku» [Contato linguístico japonês-português], apresenta um exemplo retirado do extinto Jornal *International Press*, publicação em português que circulava na comunidade brasileira no Japão, cuja data é de 1993. Também vale dizer que quando a autora



chegou ao Japão em 1999 já era possível notar o uso natural de muitas palavras japonesas nas conversas informais em português. Era possível perceber também que este fato já causava um certo incômodo a algumas pessoas que não escondiam a preocupação de que aquele «português estranho» interferisse negativamente no aprendizado do «português correto».

Em 2005, o *dekasegi-go*⁴ foi apresentado, num seminário em Nagoya, para exemplificar o falar peculiar dos decasséguis brasileiros (Nagoya International Center, 2005). Nos anos seguintes, o *dekasseguês* foi gradativamente sendo reconhecido e/ou citado como referencial linguístico da comunidade trabalhadora brasileira. Esta variante do português é considerada pejorativa para alguns, peculiar e diferente para outros. Textos como «O Japão do Caruso é assim...» (Almeida, 2006) e «Quem fala *dekasseguês*» (Maxwell, 2008) tiveram grande repercussão e despertaram ou reacenderam o interesse de muitas pessoas pelo português falado nas comunidades brasileiras do Japão.

Mais recentemente, em dezembro de 2014, o *dekasseguês* foi tema do trabalho «Fluxos migratórios entre Brasil e Japão e a construção de uma língua portuguesa em terras nipônicas» (Matsumoto e outros, 2014) apresentado no IV Congresso Internacional da Associação Internacional de Linguística do Português —ALIP— realizado na Universidade de Macau, cujo tema geral foi «A Língua Portuguesa na Ásia sob a Perspectiva da Superdiversidade: Ensino, Pesquisa e Promoção». Nesse evento pudemos constatar, através das palestras e apresentações de trabalhos de especialistas de diferentes países, que a variação linguística é uma característica cada vez mais presente na língua portuguesa falada no Brasil e nos diferentes cantos do mundo. É uma

⁴ *Dekasegi-go* [língua do decasségui] é o vocábulo japonês utilizado para traduzir a palavra *dekasseguês*.



consequência natural da interculturalidade que ganha força com as migrações contemporâneas dentro do sistema-mundo moderno.

Diante do exposto é possível concluir que o *dekassequês* não é um fenômeno recente e, por isso mesmo, deve ser considerado como tema de grande relevância no estudo da identidade linguística e cultural da comunidade brasileira no Japão.

Respeito ao diferente

O preconceito linguístico é tão cruel como qualquer outra forma de preconceito, mas passa despercebido aos olhos dos que só conseguem ver a língua como uma reprodução exata das regras e das formas institucionalizadas. Para estes, rotular de «errado» e «feio» tudo que não está de acordo com a gramática ou não foi institucionalizado não é ser «preconceituoso», é ser «zeloso no ensino e no uso da língua». Atitudes autoritárias e normatizadoras, camufladas na boa vontade de ensinar e preservar a língua, geram e sustentam o preconceito linguístico.

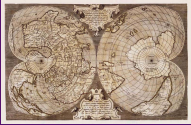
Fazendo referência a esse tipo de situação, no capítulo chamado «A mitologia do preconceito linguístico», Marcos Bagno (2013: 23-92) apresenta oito mitos que alimentam o preconceito linguístico. Esses mitos são considerados por ele como *afirmações falaciosas* que podem ser desmentidas diante de qualquer análise mais rigorosa. Entre os mitos citados pelo autor, pelo menos três podem ser facilmente identificados como causa das críticas ao *dekassequês* e aos decasséguis, são eles: (a) «O português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente», (b) «As pessoas sem instrução falam tudo errado», e (c) «O domínio da norma-padrão é um instrumento de ascensão social». Ao longo do texto, Bagno mostra, através de exemplos e análises, que o português não



possui unidade e sim uma diversidade surpreendente. Além disso ressalta que a língua eficiente para a comunicação não é apenas a considerada pela gramática normativa e que o domínio da norma-padrão não é garantia de ascensão social. Assim sendo, Bagno afirma que é importante destruir os mitos e buscar meios adequados para combater o preconceito linguístico.

Através de conversas e observações constatamos que o *dekassequês* é alvo de preconceito. Não são poucas as afirmações —formais ou em tom de brincadeira— que evidenciam o preconceito linguístico. Numa entrevista, um dos meus entrevistados demonstrou sua rejeição ao *dekaseguês*: «Essa mistura pode ser qualquer língua, menos português!». Por outro lado, uma das entrevistadas não deixou de expressar seu descontentamento e preocupação com o uso desta variante linguística: «Estou preocupada, eles não sabem falar japonês e o português também está cada vez pior, tudo misturado! Desse jeito as crianças também vão aprender esta língua doida e nunca vão falar português direito!».

O que os exemplos anteriores demonstram é que há pessoas que acreditam e defendem que esta língua usada pelos decasséguis é um português «mal falado» e «misturado com o japonês» e que, por isso mesmo, «representa uma ameaça» porque seu uso pode descaracterizar o «verdadeiro português brasileiro». Há também os que alimentam, de maneira consciente ou inconsciente, preconceito em relação aos que falam *dekassequês*. Não são poucos os que veem os decasséguis apenas como mão de obra não qualificada e conseqüentemente capazes de fazer apenas trabalho braçal. Ideias estereotipadas criam a imagem equivocada de que os decasséguis são «pobres coitados» (Córdova Quero, 2009a: 223-224). Muitas dessas concepções estão relacionadas ao fato de os decasséguis serem considerados mão de obra não



especializada, por isso normalmente fazem os serviços que os japoneses geralmente não querem fazer, os chamados «3K»: *Kitanai* [sujo], *Kitsui* [pesado] e *Kiken* [perigoso] (Linger, 2001: 22). Essas ideias equivocadas que menosprezam os decasséguis acabam gerando comentários preconceituosos como os que observamos na seguinte tabela:

Tabela 1. Expressões evidentes de preconceito

Preconceito
«O cara é peão de fábrica e fica querendo aparecer, misturando português com japonês [...]»
«Esse pessoal de fábrica é muito mal educado, às vezes, dá até vergonha de dizer que também sou brasileiro. Mas a culpa não é deles, é fácil perceber que a maioria é gente simples que não teve uma boa educação porque nem português eles sabem falar direito [...]»
«[...] Não sabe falar japonês e fica misturando com português, pobre é fogo!»
«A grande maioria dos decasséguis é gente simples que não teve oportunidade de estudar, não sabem falar português direito e para piorar ainda o misturam com o japonês! É necessário criar oportunidades de estudo [...]»

Esses e muitos outros comentários mostram que normalmente o preconceito linguístico em relação ao *dekasseguês* é somado ao preconceito socioeconômico. Tudo isso só ressalta o despreparo, a ineficiência e a falta de sensibilidade para lidar com o diferente.



O «verdadeiro português brasileiro», tão defendido pelos conservadores e/ou preconceituosos, não existe! Como se pode constatar na obra de Rodolfo Ilari e Renato Basso (2014: 194-196) e outros estudiosos da língua portuguesa, a ideia de uma total e absoluta uniformidade do português brasileiro é equivocada. Sendo o Brasil um país multicultural e de grande extensão territorial, é irreal negar as variedades do português falado no país. Anos de pesquisas sociolinguísticas comprovam a grande distância entre o português institucionalizado —o português defendido e ditado pela gramática normativa— e o falado pela grande maioria da população brasileira. Um bom exemplo são os regionalismos, caracterizados por expressões típicas e que embora representem a forma usada pela população, normalmente não são citados e reconhecidos pela gramática normativa. A ideia fixa de que o português «correto» é o que está de acordo com a gramática fomenta situações de preconceito linguístico. Bagno (2013) afirma que:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre *língua* e *gramática normativa*. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é o bolo, o molde de um vestido não é o vestido, um mapa-múndi não é o mundo [...]. Também a gramática não é a língua. (pp. 19-20)

O autor argumenta que a gramática normativa é a tentativa de descrever a norma-padrão que representa apenas uma parte da língua. Ela possui seus méritos e valor, mas é apenas uma parte do todo, por isso, «não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua» (Bagno, 2013: 20).

Na prática, normalmente o preconceito linguístico se evidencia como cobrança e ou imposição, direta ou indireta, do cumprimento de padrões uniformizadores da língua. Tais



padrões são criados por uma classe dominante ou de grande prestígio social que raramente consegue ver a variação linguística como parte importante da identidade linguística e cultural de uma pessoa ou grupo. As críticas, cobranças ou imposições podem acontecer sob a forma de brincadeiras ou comentários aparentemente inofensivos, mas que geralmente escondem ou camuflam o preconceito. Sobre isso, Marli Q. Leite (2008) alerta:

Professores, estudantes e usuários em geral da língua devem saber reconhecer o preconceito e a intolerância linguísticos para, de um lado, atuar crítica e conscientemente diante de ocorrências desses fenômenos e, de outro, para ajudar a evitar sua manifestação. (p. 14)

As referências citadas, abordam o preconceito linguístico chamando a atenção, entre outros pontos, para o preconceito em relação ao que é considerado «português errado» frente às normas propostas pela gramática normativa. No caso do *dekaseguês*, além de ser considerado por alguns como «português errado», a principal crítica refere-se ao uso de palavras japonesas que possuem tradução em português, ou seja, o maior vilão são os empréstimos lexicais. Porém, Sírio Possenti (2001: 170) fala da dificuldade de encontrar uma correspondência exata entre palavras de uma mesma língua e afirma que a dificuldade é muito maior em palavras de línguas diferentes. No caso em questão, podemos completar a defesa dos estrangeirismos citando Bagno (2001: 74) que afirma que os estrangeirismos não são capazes de destruir uma língua, eles apenas contribuem para o seu léxico.

O *dekaseguês*, embora seja considerado por muitos como um «português errado e misturado», não o é. É um português cujo léxico está sendo naturalmente acrescido de vocábulos japoneses por influência da nova realidade sociocultural e linguística. O mesmo fenômeno acontece, por exemplo, com



o «portunhol», português falado nas fronteiras do Brasil, ou com o português falado em Moçambique, que segundo Alexandre António Timbane (2012: 5-6) sofre variação e mudanças linguísticas em virtude do contato com mais de vinte línguas banto e duas asiáticas. Assim, podemos concluir que o *dekaseguês* é apenas uma variante diferente das muitas que caracterizam o português falado pelos brasileiros no Brasil e no mundo. Não podemos dizer que não é um «português correto» devido ao uso de palavras de uma outra língua porque se assim o fizermos, teremos que admitir que o «português correto» não é falado em lugar nenhum!

Mudanças e variação linguísticas: fenômenos comuns e naturais

Toda língua, enquanto objeto de comunicação oral e espontânea, é propriedade de quem a utiliza e por isso mesmo está sujeita a constantes mudanças e variação normalmente influenciadas pelo contexto no qual está exposta. Entre outros, os contextos sociais, econômicos, políticos, religiosos e culturais podem influenciar direta e indiretamente nas mudanças e variação linguísticas de grandes ou pequenos grupos.

No entanto, é importante destacar que estas mudanças não acontecem da noite para o dia. Conforme se pode ler em Anthony J. Naro (2013), «as mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões» (p. 43). Segundo o autor, nos eixos sociais, as formas mais antigas tendem a ser preservadas por pessoas mais velhas, ou mais escolarizadas, ou que pertencem a camadas sociais que gozam de maior prestígio, ou ainda por grupos que sofrem pressão normalizadora ou exercem atividades socioeconômicas que exigem uma linguagem mais conservadora. O autor destaca ainda que uma mesma pessoa



pode optar por uma forma mais conservadora ou mais atual dependendo da situação.

As mudanças e variação linguísticas são fenômenos normais e que acontecem naturalmente para atender às necessidades do falante: «Se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade» (Mollica, 2013: 10). A sociolinguística, ao estudar a língua em uso, sem rotulá-la de certa ou errada, exerce papel importantíssimo na conscientização contra o preconceito linguístico.

As considerações apresentadas podem ser importantes pontos de reflexão para os que ainda têm o desejo de preservar o «verdadeiro português brasileiro». Sendo a língua de uso coletivo e estando a mesma naturalmente sujeita a constantes mudanças, é irreal pensar que possa existir alguma maneira de mantê-la intacta, imutável. Segundo Ilari e Basso (2014), «[...] toda língua, a qualquer momento de sua história, está irremediavelmente sujeita à variação e à mudança» (p. 194). A língua muda, por influência de fatores linguísticos ou extralinguísticos, para acompanhar as inovações e/ou para se adequar a novas situações e necessidades. Diante de tantas mudanças porque passa o mundo nesta era de globalização, impor a imutabilidade da língua a um determinado grupo, por menor que ele seja, é o mesmo que sentenciá-lo à estagnação completa.

Com as citações e argumentações apresentadas não estamos querendo defender nem acusar o *dekasseguês*, nosso desejo é chamar a atenção para a necessidade de estarmos sempre atentos aos indícios de preconceito ao que é diferente.



Dekasseguês: Mais uma variante do português brasileiro?

O *dekassequês*⁵ é uma variante do português brasileiro na qual podemos observar a influência do idioma japonês e cuja principal área de ocorrência são as comunidades brasileiras no Japão. Caracteriza-se pelo uso de palavras e expressões japonesas nas conversas em português e também pelo uso de palavras e expressões japonesas aportuguesadas.

O vocábulo *dekassequês* é originalmente resultado da junção de *dekasegi*, palavra japonesa que significa ir trabalhar noutra terra (Coelho e Yoshifumi, 1998: 154) com o sufixo «-ês» usado na língua portuguesa para designar relação, procedência, origem (Infante, 2005: 479). Por ser um vocábulo criado para nomear a língua usada pelos decasséguios brasileiros no Japão e por haver a possibilidade de ficar cada vez mais conhecido e usado, é possível que entre para o dicionário da língua portuguesa. Acreditamos que se isso acontecer, a grafia portuguesa será «dekassequês», uma vez que estamos considerando a forma aportuguesada da palavra *dekasegi* que é «decasségui» (Houaiss, 2009: 600).

Essa nova variante do português vem se estabelecendo naturalmente e se constituindo parte da história do movimento decasségui. Ao longo desse tempo muitos fatores contribuíram para criar o atual contexto no qual as mudanças linguísticas vêm acontecendo. A grande maioria dos que vieram como decasségui, tinha planos de retornar ao Brasil após três, quatro ou cinco anos de trabalho, mas, por diferentes motivos, uma grande parte destes ainda está no Japão e muitos já decidiram não retornar ao Brasil. Alguns dos que decidiram ficar, optaram pela imersão total na

⁵ Alguns informantes usaram a palavra *nihonguês* para fazer referência à língua usada pelos decasséguios.



cultura japonesa. Geralmente não têm —ou evitam— contato com a comunidade brasileira, os filhos estudam em escolas japonesas e normalmente não sabem e nem querem falar português. Nesse contexto, muitos têm vergonha de assumir que são ou foram decasségui e se esforçam para passarem despercebidos como estrangeiros na sociedade japonesa.

Por outro lado, não é raro encontrar os que escondem a própria origem para não serem identificados como brasileiros, pois a sociedade japonesa tende a ser muito homogênea, e ser diferente pode ser um problema. Essa tendência à homogeneidade pode ser explicada pela teoria da especificidade cultural japonesa ou *Nihonjinron* (Yoshino, 1992). A respeito disso, Kosaku Yoshino (1997: 201) explica que o povo japonês, em consequência do pensamento nacionalista do final do século XIX, criou uma noção de *Kazoku Kokka*, ou seja, a ideia de «nação-família» de origem divina, na qual os membros são ligados uns aos outros pelo sangue e por último ao imperador. Desta forma, parentesco, raça e religião foram fundidos para produzir um forte senso coletivo de «unidade». Essa explicação nos ajuda a entender o surgimento da divisão «nós/eles», através da qual os estrangeiros são considerados intrinsecamente diferentes. Como muitos decasséguis têm sangue e aparência japonesa, acreditam que se forem muito parecidos com os japoneses em seu comportamento e atitudes, souberem falar bem o idioma japonês e tiverem a nacionalidade japonesa serão aceitos como um igual, mas a realidade nos mostra que isso ainda não acontece.

No entanto, há os que estão há mais de 20 anos no Japão, mas ainda têm a esperança de um dia voltar para o Brasil, e também os que chegaram há poucos anos. Destes, muitos fazem questão de mostrar sua brasilidade e não querem perder os vínculos com a terra natal. Nas cidades de Ōizumi e Ōta, independentemente de saber ou não falar japonês, o



uso do português é uma atitude natural e cotidiana para os brasileiros, uma vez que estão inseridos numa comunidade brasileira.

Em contrapartida, não podemos esquecer que esta comunidade brasileira faz parte de um ambiente japonês e que a língua japonesa é o referencial que caracteriza o grupo dominante, ou seja, os japoneses. Dessa forma, é natural e até desejável que os brasileiros aprendam o idioma japonês. Na prática, alguns —normalmente os mais jovens— se dedicam ao estudo formal da língua japonesa, mas outros vão aprendendo informalmente algumas palavras úteis e ou seguem usando as palavras japonesas que já faziam parte do seu vocabulário no Brasil. No entanto, não são poucos os brasileiros que estão no Japão há mais de 20 anos e não sabem falar japonês e nem se preocupam em aprender. Acreditamos que isso acontece, em parte, pela falta de necessidade real de uso constante do idioma japonês na rotina diária; e principalmente pelo desejo, muitas vezes inconsciente, de afirmar e preservar a identidade cultural brasileira através do idioma português.

A possibilidade de se comunicar praticamente só em português se deve à estrutura da comunidade brasileira. Tendo acesso, em língua portuguesa, a uma boa infraestrutura de produtos e serviços, muitos brasileiros, quando precisam falar japonês, normalmente recorrem a um intérprete que pode ser um profissional, um amigo ou um familiar. Muitas vezes a tarefa de tradutor-intérprete é atribuída a um filho ou neto que estuda em escola japonesa. Essa prática, muitas vezes, atribui à criança uma responsabilidade para a qual ela ainda não está preparada. Um exemplo é o caso de crianças que nem concluíram a escola primária, mas têm que acompanhar seus familiares em consultas médicas. Sendo assim, considerando o item idioma, muitos brasileiros vivem no Japão como se



estivessem no Brasil e usam a língua japonesa muito esporadicamente.

O *dekaseguês* vem se desenvolvendo dentro do contexto apresentado, onde o português é a língua mais usada, mas o japonês é a língua que se impõe pelo seu valor socioeconômico. A maior parte dos decasséguis trabalha em fábricas japonesas onde predomina o idioma japonês, por isso, aprendem naturalmente ou por necessidade e imposição pelo menos o japonês básico e necessário às suas atividades profissionais. Nessas circunstâncias de uso do português como língua materna e do japonês como «ferramenta» de trabalho, é impossível evitar o contato direto dessas duas línguas. O português é a língua de comunicação geral e cotidiana e o japonês, muitas vezes reduzido a frases prontas, palavras ou expressões, passa a ser a língua do ambiente de trabalho. Os decasséguis vão aprendendo e interiorizando o vocabulário utilizado nas fábricas. Algumas palavras podem ser facilmente traduzidas para o português, mas outras não. Por se tratar de uma realidade muito diferente da do Brasil, a tradução, ainda que correta, muitas vezes não consegue transmitir o mesmo sentido ou nuance da palavra japonesa.

Como o contexto profissional dos decasséguis é muito parecido, usar palavras em japonês para falar de coisas relacionadas ao trabalho facilita a conversação. Com isso, eles começam a usar naturalmente palavras japonesas durante uma conversa em português e assim vai aparecendo o *dekaseguês*. Porém, o uso de palavras diretamente ligadas ao ambiente profissional representa apenas uma parte do léxico do *dekaseguês*. Uma outra parte desta variante engloba palavras que estabelecem vínculos sociais com os japoneses e são muito utilizadas na vida cotidiana como cumprimentos, saudações, pedido de desculpas, nomes de objetos e lugares, etc. Temos ainda uma terceira parte representada pelas palavras e expressões que são criadas pelos falantes.



Desta forma, sem a pretensão de descartar outras possibilidades, acreditamos que o léxico do *dekaseguês* pode ser dividido em duas categorias da seguinte maneira:⁶

(a) *Empréstimos do idioma japonês*: Palavras relacionadas à vida diária e palavras relacionadas ao ambiente de trabalho;

(b) *Palavras do idioma japonês que foram morfológicamente aportuguesadas*.

Na seguinte tabela apresentaremos alguns exemplos dessas duas categorias:

Tabela 2. Categorias do *dekaseguês*

Empréstimos do idioma japonês		Palavras do idioma japonês que foram morfológicamente aportuguesadas
P a l a v r a s relacionadas à vida diária	Palavras relacionadas ao ambiente de trabalho	
<i>ohayou</i> (bom dia) <i>gomennasai</i> (desculpe) <i>arigatou</i> (obrigado) <i>daijobu</i> (estar tudo bem, sem problemas) <i>gakkou</i> (escola) <i>isogashii</i> (ocupado, atarefado)	<i>hirukin</i> (turno do dia) <i>yakin</i> (turno da noite) <i>teiji</i> (horário normal) <i>kaisha</i> (fábrica) <i>kacho</i> (chefe da seção) <i>zangyo</i> (hora extra) <i>arubaito</i> (trabalho temporário)	<i>tsukaretado</i> (cansado) <i>ganbatear</i> (esforçar-se) <i>ganbateando</i> (esforçando-se) <i>onegaizão</i> (um grande favor) <i>taifuzão</i> (<i>tufãozão</i>)* <i>kawaizinho</i> (bonitinho) <i>bentozinho</i> (recipiente com pouca comida)

* A palavra *tufãozão* está sendo usada como tradução literal do termo *taifuzão*, com isso queremos mostrar que o falante usa o sufixo «-zão» para dar a ideia de um tufão de grandes proporções, provavelmente muito mais forte do que os tufões normais.

⁶ Estudos mais detalhados poderão evidenciar subdivisões além das apresentadas aqui, mas que não serão tratadas neste artigo.



Embora estejamos apresentando três grupos de palavras, é importante esclarecer que esta divisão é apenas teórica, na prática não há uma separação rígida porque normalmente o falante verbaliza suas ideias naturalmente sem parar para pensar se a palavra é japonesa ou portuguesa ou a que grupo ela pertence. As palavras japonesas são interiorizadas pelo falante e seu uso passa a ser automático.

Vejam agora a contextualização de algumas palavras utilizadas em frases em *dekaseguês* e o significado das mesmas no português usado por muitos brasileiros, que aqui chamaremos de português-padrão:

Tabela 3. Contextualização

<i>Dekasseguês</i>	Português-padrão
«Só posso sair às 6 horas, <i>daijobu?</i> »	«Só posso sair às 6 horas, <i>não tem problema?</i> »
«Esta semana estou de <i>yakin</i> »	«Esta semana estou no <i>turno da noite</i> »
«[...] o <i>kacho</i> é muito <i>urusai</i> , ele só fica gritando, mas já falei que <i>nihongo wakaranai</i> »	«O <i>chefe da seção</i> fala demais, ele só fica gritando, mas já falei que <i>não entendo japonês</i> »
«Minha filha quer ir para o <i>semon gakkou</i> , mas o pessoal fala que as provas são bem <i>musukashii</i> »	«Minha filha quer ir para a <i>escola profissionalizante</i> , mas o pessoal fala que as provas são bem <i>difíceis</i> »
«Amiga, estou precisando de um <i>onegaizão</i> [...]»	«Amiga, estou precisando de um <i>favorzão</i> »

Na comunicação diária, muitas palavras podem ser igualmente usadas no ambiente de trabalho e na vida cotidiana. Além disso, vocábulos dos diferentes grupos



podem ser utilizados numa mesma frase. O uso de determinada palavra é definido naturalmente —acontece espontaneamente— de acordo com a mensagem que está sendo transmitida, ou seja, é uma escolha mecânica e pouco consciente. Vejamos os exemplos:

Tabela 4. Uso natural e espontâneo de vocábulos japoneses

Exemplo	<i>Dekasseguês</i>	Português-padrão
1	« <i>Gomen</i> , eu esqueci meu <i>keitai</i> e nem deu para te avisar que ia ter <i>zangyo</i> . Nossa! Tá muito <i>isogashii</i> »	«Desculpe, eu esqueci meu <i>celular</i> e nem deu para te avisar que ia ter <i>hora-extra</i> . Nossa! Está muito <i>corrido</i> »
2	«A turma está planejando fazer um churrasquinho pra <i>hanami</i> lá no parque dos bombeiros»	«A turma está planejando fazer um churrasquinho para <i>apreciar as cerejeiras em flor</i> lá no parque dos bombeiros»
3	«Vou lá no <i>konbini</i> porque não tem nem um <i>jidou</i> aqui perto»	«Vou lá na <i>loja de conveniência</i> porque não tem nem uma <i>máquina automática de venda</i> aqui perto»

No exemplo 2, *Hanami* é a tradução literal dos caracteres que significam «flor» [*hana*] e «ver» [*mi*], mas esta palavra normalmente é usada com o sentido de «fazer um passeio» ou «piquenique» para apreciar as cerejeiras em flor. Por outro lado, No exemplo 3, *jidou* é a forma reduzida da palavra *Jidouhanbaiki* [máquina automática de venda].



Analisando os exemplos podemos perceber que numa conversa, as palavras em japonês fluem naturalmente como se fossem palavras portuguesas. Não existe uma regra normativa para nortear a escolha das palavras a serem usadas, mas é importante dizer que o *dekassequês* não é simplesmente uma mistura aleatória de palavras japonesas e portuguesas. Não pode ser confundido com a linguagem usada por algumas crianças e/ou adolescentes que não dominam nem o japonês e nem o português e que, pela falta de conhecimento de vocabulário e estruturas linguísticas necessárias para se expressar num só idioma, usam palavras e estruturas das duas línguas para completar ou complementar o que querem falar. Normalmente os especialistas referem-se a estas crianças e/ou adolescentes usando os termos «*double limited*» ou «semilíngua», no Japão, a expressão *chūto hanpa* que significa «algo inacabado», também foi muito usada. Segundo Kyoko Yanagida Nakagawa (2008), foram observados muitos casos de crianças brasileiras, que moraram ou moram no Japão, que não possuem domínio satisfatório nem do japonês nem do português.

Assim, reafirmamos que são dois fenômenos diferentes porque no caso do *dekassequês*, o falante domina o idioma português. Para esses falantes, o uso das palavras ou expressões japonesas passam a ser apenas uma extensão do léxico do português. Ouvindo as conversas ou analisando exemplos, é possível perceber que existe um vocabulário de uso mais ou menos comum que parece ser estabelecido, de maneira inconsciente e automática, com base na importância e frequência de uso das palavras japonesas. Ou seja, palavras ou expressões japonesas muito utilizadas na vida diária como as que aparecem no exemplo 1, tornam-se tão familiares que passam a ser usadas como se fossem palavras portuguesas. Outras, como as dos exemplos 2 e 3, são muito usadas porque conferem um sentido mais específico ao que está



sendo dito ou simplificam —no sentido de encurtar ou resumir— a frase.

Além disso, há o princípio defendido também por Lucila E. Gibo (2014b: 13) de que nas colônias japonesas no Brasil, muitas palavras são usadas em português por não fazerem parte do léxico da linguagem cotidiana no Japão. Partindo desse princípio podemos dizer que acontece o mesmo em relação ao *dekaseguês*, ou seja, os falantes usam palavras japonesas que mesmo traduzidas não fazem parte do léxico do português falado diariamente no Brasil. É o caso da palavra do exemplo 2, diretamente relacionada a um costume que não faz parte da cultura brasileira. Sobre o exemplo 3, no Brasil também há lojas de conveniência e máquinas automáticas de venda, mas ainda não são tão comuns como no Japão, por isso, muitas pessoas ouviram e/ou usaram estas palavras pela primeira vez em japonês e passaram a usá-las naturalmente em conversas em português sem a preocupação de traduzi-las.

Observando essas e outras características da linguagem cotidiana dos decasséguis, é possível levantar a hipótese de que o *dekaseguês* desenvolveu-se sob influência de um hábito comum entre *nikkeis* no Brasil: usar palavras japonesas em frases em português durante conversas no ambiente familiar. Muitos *nikkeis* têm esse hábito por influência do *koronia-go*, língua falada nas comunidades nipo-brasileiras no Brasil, resultante do contato das línguas japonesa e portuguesa. Junko Ota (2009) afirma que,

a língua usada nas comunidades rurais nipo-brasileiras é o resultado do contato linguístico entre japonês e português, e é o fruto da vivência linguística que os informantes tiveram e têm, muito distinta da dos japoneses do arquipélago. (p. 55)



Embora o *koronia-go* e o *dekassequês* sejam fruto do contato das mesmas línguas, não podemos deixar de ressaltar que são variantes diferentes. Sobre isso, Gibo (2014a: 10-15), ao apresentar e comentar algumas semelhanças linguísticas entre o *dekassequês* e o *koronia-go* em sua tese de doutorado, afirma que são variantes parecidas em alguns aspectos, mas que não são iguais. Ao mesmo tempo, é necessário deixar claro que o *koronia-go* já possui um corpo literário-poético, o que é analisado no trabalho de Zelideth Maria Rivas (em processo de publicação, 2015). Esta autora analisa a coletânea *Koronia Man'yôshû*, editada pela Koronia Man'yôshû Kankô Iinkai (1981). Referindo-se a essa obra, Rivas afirma: «A antologia lembra a seus leitores que expressões de deslocamentos linguísticos dos imigrantes surgem do isolamento desta comunidade diaspórica, tanto do Japão como do Brasil» (p. 3). Com isso percebemos a importância do *koronia-go* e com base nisso, nos perguntamos: Será que no futuro teremos algum tipo de composição literária e/ou poética em *dekassequês*?

Dekasseguês: exemplos e considerações

A seguir, apresentaremos alguns exemplos que caracterizam o *dekassequês* e faremos algumas considerações sobre os mesmos.

Empréstimos

A principal e mais ampla característica do *dekassequês* são os empréstimos lexicais da língua japonesa, ou seja, os falantes usam palavras emprestadas do japonês para completar ou complementar frases em português. Os empréstimos podem ser usados pelo fato de não haver uma tradução exata da palavra para o português, por uma questão de praticidade ou



porque, para o falante, determinadas palavras passam a ser mais expressivas quando usadas em japonês.

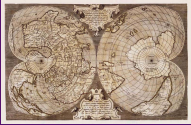
Tabela 5. Exemplos de empréstimos e aportuguesamento

<i>Dekasseguês</i>	Português-padrão
«Filho, vem tomar banho, nem adianta fazer <i>wagamama</i> , seu <i>tomodachi</i> já vai chegar! Você fez <i>yakusoku</i> , agora tem que <i>mamoru</i> »	«Filho, vem tomar banho e nem adiante <i>reclamar</i> , seu <i>amigo</i> já vai chegar! Você fez um <i>combinado</i> , agora tem que <i>cumprir</i> »
«Ela diz que não consegue arrumar <i>shigoto</i> , mas podia fazer <i>baito</i> , dá pra trabalhar como <i>tsuyaku</i> , mas ela não quer. Então pode ser <i>soji</i> , <i>mukai</i> [...] ela tem é mania de <i>bioki</i> [...]»	«Ela diz que não consegue arrumar <i>trabalho</i> , mas poderia fazer <i>b i c o</i> [t r a b a l h o temporário], dá para trabalhar como <i>intérprete</i> , mas ela não quer. Então pode ser <i>faxina</i> , <i>transporte</i> , [...] ela tem é mania de doença [...]»

Nos exemplos acima, é possível perceber que além do empréstimo lexical aconteceu também uma adequação da entonação das palavras japonesas para o português. Quase todas as palavras em japonês foram pronunciadas como se fossem palavras paroxítonas do português. Isso é muito comum no *dekaseguês* e acontece porque o falante está conversando em português e inconscientemente faz a adequação da entonação e muitas vezes da pronúncia, como é o caso da palavra «byōki », que é pronunciada de maneira bem aportuguesada: «bioki».

Criação de novas palavras

O próprio vocábulo «*dekaseguês*» é um bom exemplo deste item. Os falantes, com base nas regras gramaticais da língua portuguesa —no sentido de regras interiorizadas não só pelo



estudo, mas principalmente pelo uso da língua—, criam novas palavras que passam a ser usadas naturalmente como se fossem palavras do português.

Tabela 6. Verbo *gambaru*

<i>Dekasseguês</i>	Português-padrão
«Ele vai ter que <i>gambatear</i> muito [...]»	«Ele vai ter que se esforçar muito[...]»
«Estou <i>gambateando</i> [...]»	«Estou trabalhando com afinco[...]»
«Ele <i>gambateou</i> tanto, mas não adiantou nada...»	«Ele se esforçou tanto, mas não adiantou nada... »

Nesses exemplos, o verbo japonês *gambaru* —que nas três frases tem o sentido de «trabalhar com afinco, esforçar-se»— foi aportuguesado. Da palavra *ganbate* —do verbo *gambaru*— criou-se o verbo «gambatear», que é a palavra aportuguesada que deu origem aos exemplos apresentados nas frases acima. É possível perceber também que, nesses exemplos onde podemos verificar a escrita, o uso do «m» antes do «b» também é uma marca gramatical do português porque em japonês a escrita romanizada da referida palavra é com «n».

Tabela 7. Verbos *tsukareru* e *kangaeru*

<i>Dekasseguês</i>	Português-padrão
«Estou <i>tsukaretado</i> , não dá vontade nem de sair[...]»	«Estou <i>cansado</i> , não dá vontade nem de sair [...]»
«[...] eu já falei que não adianta ficar só <i>kangaetando</i> , <i>kangaetando</i> , tem que fazer alguma coisa!»	« [...] eu já falei que não adianta ficar só <i>pensando</i> , <i>pensando</i> , tem que fazer alguma coisa! »



Os exemplos anteriores mostram o verbo *tsukareru* [cansar-se, fatigar-se] que também é muito usado na forma aportuguesada: *tsukaretado*, ou seja, cansado; e o verbo *kangaeru* [pensar], que aqui ganha a forma aportuguesada de gerúndio *kangaetando*.

Além dos verbos apresentados, que são os mais usados, temos também o aportuguesamento de adjetivos e substantivos, como observamos na tabela 8:

Tabela 8. Adição dos sufixos «-zinho» e «-zão»

<i>Dekasseguês</i>	Português-padrão
«O neném dela é gordinho, tem muito cabelo, é muito <i>kawaizinho</i> »	«O neném dela é gordinho, tem muito cabelo, é muito <i>bonitinho</i> .»
«Os pais não cuidam, ele está virando um <i>furyozinho</i> »	«Os pais não cuidam, ele está virando um <i>marginalzinho</i> . »
«Nossa! Foi um <i>taifuzão!</i> »	«Nossa! Foi um <i>tufãozão!</i> »

Nesses exemplos os adjetivos e substantivos japoneses foram acrescidos dos sufixos «-zinho» e «-zão» para a formação do diminutivo e aumentativo como acontece no português.

Efeito social do dekasseguês

Normalmente tudo que é diferente chama a atenção, e tudo que chama a atenção é passível de elogios e/ou críticas. Conseguimos exemplos que evidenciam dois efeitos sociais do *dekasseguês*.

Exemplos que reforçam o preconceito

Na tabela abaixo veremos exemplos de palavras japonesas que foram pronunciadas como se fossem palavras



portuguesas. Essa característica do *dekassequês* reforça o preconceito. Vejamos:

Tabela 9. Exemplos que reforçam o preconceito

<i>Dekasseguês</i>	Português-padrão
«Ele vai terminar de fazer o koko , vai trabalhar e depois vai fazer <i>daigaku</i> .»	«Ele vai terminar de fazer o <i>ensino médio</i> , vai trabalhar e depois vai fazer <i>faculdade</i> . »
«Agora nós vai tê muito <i>zanguiyō</i> todo dia [...]»	«Agora nós vamos ter muitas horas-extras todos os dias[...]»

Na primeira frase o problema é a palavra *koko*, que em japonês é pronunciada com um alongamento da vogal «o», ou seja, *kōkō* [*kookoo*]. Da maneira como foi pronunciada, é muito provável que o ouvinte escute «ele vai terminar de fazer *cocô*».

Na segunda frase o efeito negativo é pior porque além do preconceito pelo português que não está de acordo com a gramática há ainda a crítica à pronúncia da palavra *zangyo*. Em japonês esta palavra é ditongo e da maneira como foi pronunciada ela passa a ser um hiato.

Embora a adequação da pronúncia e/ou da entonação de palavras japonesas de acordo com o português também sejam características do *dekassequês*, para os que gostam de criticar sem conhecer bem as particularidades do objeto da crítica, estas podem ser boas oportunidades para depreciar esta variante e seus usuários.

Dekasseguês dando a ideia de status

Normalmente o *dekassequês* é usado de maneira muito espontânea, ou seja, sem artificialismos. Mas tivemos a oportunidade de encontrar falantes que veem o uso desta



variante como sendo uma forma de demonstrar *status* social. Vejamos o seguinte exemplo de um dos entrevistados:

Eu acho que quando a gente fala algumas coisas em nihongo (japonês) fica assim... mais chique, né?! Todo mundo e eu também, né, a gente fala “Eu vou levá bentô”, “Todo dia eu como bentô”. Quando a gente fala “bentô” é mais chique do que falar “marmita”. Falar “Eu levo marmita”, é chato falar, mas... eh... parece coisa de pobre, né?! Mas se a gente fala “Eu levo bentô”, daijobu [não tem problema], ninguém nem pensa nada.

Nesse caso, a opção pelo uso da palavra *bentô* acontece porque ela confere um certo *glamour* à palavra *marmita*, que no Brasil, muitas vezes é relacionada aos trabalhadores que têm que levar a própria comida por falta de condições econômicas para comer num restaurante ou lanchonete. Já no próximo exemplo, o uso do *dekaseguês* demonstra que o falante já morou fora do Brasil e que teve contato direto com uma língua estrangeira, o que normalmente é associado a uma boa condição socioeconômica. Vejamos:

Eu continuo falando do meu jeito mesmo, é legal porque tem gente que vê a gente falando assim e logo “saca” [percebe] que a gente já morou no *Nihon* [Japão]. Aí, tem também que às vezes a gente quer falar alguma coisa, assim né, particular né, aí a gente usa umas palavras assim e a turma não dá prá entender, todo mundo fica de “cara” [surpreso] porque a gente fala outra língua, é legal.

Nos dois exemplos podemos observar que os falantes veem no uso do *dekaseguês* uma possibilidade de demonstrar que têm um bom *status* social. Muito provavelmente esta forma de pensar e a necessidade de demonstrar *status* sejam marcas reveladoras do desejo de ascensão social que



normalmente está ligada à ascensão financeira. Essas atitudes caracterizam a luta para sair do grupo dos dominados e passar a fazer parte do grupo dominante que direta ou indiretamente incentiva e comanda a economia-mundo capitalista.

Considerações finais

Os exemplos apresentados dão uma ideia de como é o *dekassequês*. Existem opiniões controversas sobre seu uso, principalmente no que se refere a uma possível influência negativa no aprendizado do português. Não partilhamos dessa opinião, mas acreditamos que os pais e/ou educadores devem orientar as crianças no sentido de conscientizá-las da importância delas saberem identificar quais são os vocábulos da língua japonesa e os da portuguesa. Normalmente, no caso das crianças que estudam em escolas brasileiras, essa identificação acontece naturalmente porque embora ouçam e usem o *dekassequês*, essas crianças têm acesso diário a diferentes gêneros textuais em português que seguem os modelos e regras ditados pela norma-padrão que ainda é a que tem mais reconhecimento e prestígio. Esse conhecimento será muito útil caso a criança tenha que conversar usando somente o português, além de facilitar sua readaptação no caso de voltar para o Brasil.

Nessas situações de comparação da norma-padrão e do *dekassequês* a postura dos pais e/ou dos educadores é fundamental para chamar a atenção para as peculiaridades de cada caso. É importante ressaltar a importância de examinar cada característica minuciosamente, de maneira imparcial e sem preconceitos. Essa postura consciente e respeitosa contribuirá para que a criança aprenda a ver as diferenças como algo natural.



Quanto aos adultos que já se adaptaram ao *dekassequês* e esse já é tão natural que o falante nem percebe quando está usando palavras ou expressões japonesas, a ressalva é a seguinte: O *dekassequês* pode ser usado naturalmente com os familiares e amigos que o entendem, mas é preciso ter cuidado quando for conversar com pessoas que convivem num ambiente linguístico diferente. Essa observação não se deve ao fato de ser o *dekassequês*, mas ao de ser uma variante característica de um grupo específico de falantes e por isso mesmo diferente. Não se trata de ser boa ou ruim, mas apenas diferente.

Se queremos que os outros entendam o que falamos, é muito importante considerarmos o contexto e o ambiente onde estamos. O *dekassequês* pode ser de fácil compreensão e muito prático para os que o usam ou para os que têm contato ou estão inseridos no mesmo ambiente onde ele é usado, mas é muito confuso e até incompreensível para quem não está habituado a essa variante ou não tem um bom conhecimento do vocabulário japonês utilizado. É importante estar atento porque tudo que é usado fora de um contexto apropriado ou de um ambiente que seja receptivo ao novo e ao diferente, corre o risco de ser duramente criticado e depreciado.

O *dekassequês* é uma variante do português e caracteriza o falar dos decasséguis, não pode ser visto como forma estigmatizada em comparação ao português ditado pela gramática normativa ou ao usado pelos que têm mais prestígio. Trata-se de uma variante linguística pouco pesquisada, mas nem por isso menos importante do que as demais. Não podemos afirmar nem prever com total segurança que formato linguístico e *status* social terá o *dekassequês* daqui a alguns anos. Mas podemos afirmar que por diferentes motivos, entre eles a interculturalidade, o português que falamos hoje não é igual ao que os nossos



antepassados falaram, e que os nossos descendentes também não falarão o mesmo português que falamos hoje.

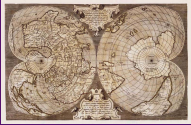
Ressaltamos que dentro do sistema-mundo moderno o preconceito linguístico é mais uma forma de delimitar as fronteiras entre as classes dominantes e as dominadas. O caso *dekaseguês* nos mostra que precisamos nos educar para conseguirmos cultivar a virtude de saber respeitar o outro, não porque somos todos iguais, mas exatamente porque somos todos diferentes. Sendo assim, faz-se necessária uma postura crítica e consciente contra o preconceito e a intolerância a fim de ressaltar a importância de saber respeitar e valorizar o outro considerando inclusive suas diferenças linguísticas.

Referências Bibliográficas

- Almeida, Karina (2006). «O Japão do Caruso é assim...». *Blog Meu Japão*. Disponível em: <<http://meujapao.blogspot.jp/2006/03/o-japo-do-caruso-assim.html>> [Acesso em 2 de fevereiro de 2015].
- Bagno, Marcos (2001). «Cassandra, Fênix e outros mitos». Em: *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*, editado por Carlos Alberto Faraco. São Paulo, SP: Parábola Editorial, pp. 49-84.
- Bagno, Marcos (2013). *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Coelho, Jaime e Yoshifumi Hida (1998). *Shogakukan: Dicionário Universal Japonês-Português*. Tóquio: Shogakukan.
- Córdova Quero, Hugo (2009a). «Multiple Hybrids: Japanese Brazilian Migrants Negotiating Their Identities Within the Roman Catholic Church in Japan». Tese de doutorado. Berkeley, CA: Graduate Theological Union.



- Córdova Quero, Hugo (2009b). «Promised Land(s)? Ethnicity, Cultural Identity, and Transnational Migration among Japanese Brazilian Workers in Japan». *Iberoamericana* 31, No. 1 (Primer Semestre): pp. 19-33.
- Cornell, Rebecca (1997). «Tex-Mex Dialect or Gidget Goes to Acuna». Em: *Between the Cracks of History: Essays on Teaching and Illustrating Folklore*, editado por Francis Edward Abernethy. Denton, TX: University of North Texas Press, pp. 226-234.
- Dore, Ronald P. (1986). *Flexible Rigidities: Industrial Policy and Structural Adjustment in the Japanese Economy 1970-80*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Escolástico, Sérgio (2008) «Dekasseguês: uma linguagem inusitada». *O Portifúndio*, 14 de September. Disponível em: <<http://opatifundio.com/site/?p=533#sthash.0JnHGu6N.dpuf>> [Acesso em 2 de fevereiro de 2015].
- Fontenele Reis, Maria Edileuza (2001). *Brasileiros no Japão: O elo humano das relações bilaterais*. São Paulo, SP: Kaleidus-Primus.
- Gibo, Lucila E. (2014a). «Burajiru no Okinawakei iminshakai ni okeru gengosesshoku ni yotte hasseishita gengo no kenkyuu» [Pesquisa sobre a linguagem gerada através do contacto com a língua da sociedade imigrantes de Okinawa do Brasil]. Tese de doutorado. Okinawa: University of the Ryukyus.
- Gibo, Lucila E. (2014b). «O contato linguístico na comunidade okinawana do Brasil e o português falado pelos okinawanos». *Encontros Lusófonos* 16: pp. 6-19.
- Houaiss, Antônio e Mauro de Salles Villar (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.



Ilari, Rodolfo e Renato Basso (2014). *O português da gente: A língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo, SP: Contexto.

Infante, Ulisses (2005). *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo, SP: Scipione.

Kono, Akira (1996a). «Burajiru no porutogarugo • Nihon no porutogarugo» [A língua portuguesa do Brasil e a língua portuguesa do Japão]. Em: Kokuritsu Kokugo Kenkyujo, *Nihongo to porutogarugo, Volume 1* [A língua japonesa e a língua portuguesa, volume 1] (Coleção Nihongo to gaikokugo to no taisho kenkyu No. 3 [estudo comparativo entre a língua japonesa e a língua estrangeira]). Tóquio: Kokuritsu Kokugo Kenkyujo, pp. 80-93.

Kono, Akira (1996b) «Nihongo to porutogarugo no gengo sesshoku» [Contato linguístico japonês-português]. Em: Kokuritsu Kokugo Kenkyujo, *Nihongo to porutogarugo, Volume 1* [A língua japonesa e a língua portuguesa, volume 1] (Coleção Nihongo to gaikokugo to no taisho kenkyu No. 3 [estudo comparativo entre a língua japonesa e a língua estrangeira]). Tóquio: Kokuritsu Kokugo Kenkyujo, pp. 13-39.

Koronia Man'yôshû Kankô Iinkai (1981). *Koronia Man'yôshû*. São Paulo, SP: Editora Grafica Topan-Press.

Leite, Marli Q. (2008). *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo, SP: Contexto.

Linger, Daniel Touro (2001). *No One Home: Brazilian Selves Remade in Japan*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Matsumoto, Edson Luiz, Iraneth Patrício Okawa, Lania Garcia Fukuchima, Míriam Akioma, Patrícia Resende e Patrícia Dias Hadama (2014). «Fluxos migratórios entre Brasil e Japão e a construção de uma língua portuguesa em



terras nipônicas». Palestra apresentada no IV Congresso Internacional da Associação Internacional de Linguística do Português (ALIP) — «A Língua Portuguesa na Ásia sob a Perspectiva da Superdiversidade: Ensino, Pesquisa e Promoção». Universidade de Macau, 3 ao 5 de dezembro.

Maxwell, Roberto (2008). «Quem fala dekassequês». *Blog Overmundo Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/quem-fala-dekassegues>>* [Acesso em 2 de fevereiro de 2015].

Mollica, Maria C. (2013). «Fundamentação teórica: conceituação e delimitação». Em: *Introdução à sociolinguística: O tratamento da variação*, editado por Maria C. Mollica e María L. Braga. São Paulo, SP: Contexto, pp. 9-14.

Morizono, Karina (2008). «Quem não fala dekassequês? Misturando diversos idiomas, os brasileiros criaram uma língua própria no Japão». *Gambare!* 131 (22 a 28 de Março): pp. 18-20.

Nakagawa, Kyoko Yanagida (2008). «Crianças retornadas ou vindas do Japão: desafios e propostas». Em: *Descubra Nikkei – Os emigrantes japoneses e seus descendentes*. Disponível em: [<http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2008/10/21/multiplas-identidades/>](http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2008/10/21/multiplas-identidades/) [Acesso em 8 de abril de 2015].

Nagoya International Center (NIC) (2005). «Esunikku media kara mita Nihon ni kurasu gaikokujin» [Os estrangeiros que moram no Japão do ponto de vista da mídia étnica]. *Chiiki no kokuksaika seminā 2005* [Seminário regional sobre internacionalização 2005]. Disponível em: http://www.nicnagoya.or.jp/japanese/tabunka_kyosei/kokuksaika_seminar/2005.pdf [Acesso em 2 de fevereiro de 2015].

Naro, Anthony J. (2013). «O dinamismo das línguas». Em: *Introdução à sociolinguística: O tratamento da variação*, editado



por Maria C. Mollica e María L. Braga. São Paulo, SP: Contexto, pp. 43-50.

Ota, Junko (2009). «A língua falada nas comunidades rurais nipo-brasileiras do estado de São Paulo – considerações sobre *koronia-go*» *Synergies Brésil* 7: pp. 49-56. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Bresil7/ota.pdf>> [Acesso em 13 de fevereiro de 2015].

Pinto, Edith Pimentel (2008). «Léxico». Em: *História da Língua Portuguesa*, editado por Segismundo Spina. São Paulo, SP: Ateliê Editora, pp. 529-538.

Possenti, Sírio (2001). «A questão dos estrangeirismos». Em: *Estrangeirismos: guerras em torno da língua* editado por Carlos Alberto Faraco. São Paulo, SP: Parábola Editorial, pp. 163-176.

Rivas, Zelideth Maria (2015, em processo de publicação). «Songs in the Land of Eternal Summer: Beyond Duality in Japanese Brazilian Publication and *Colonia Man'yôshû*». *Comparative Literature Studies* 52, No. 4: 42 pp.

Roth, Joshua Hotaka (2002). *Brokered Homeland: Japanese Brazilian Migrants in Japan*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

Shigematsu, Yoshimi (2012) «Zainichi burajirujin kōkōsei • daigakusei no gengo seikatsu to aidentiti» [Hábitos linguísticos e identidade dos estudantes brasileiros de ensino médio e universitários no Japão], *Sugiyama Jogakuen Daigaku Kyōiku Gakubu Kiyō / Journal of the School of Education, Sugiyama Jogakuen University* 5: pp. 59-68.

Timbane, Alexandre António (2012). «Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique». *Revista Via Litterae* 1: pp. 5-24. Disponível em: <<http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/assets/files/>



volume_revista/vol_4_num_1/Via_Litterae_4-1_2012_1-ALEXANDRE_TIMBANE_Estrangeirismos-emprestimos_em_Mocambique.pdf> [Acesso em 10 de abril de 2015].

Tsuda, Takeyuki (2000). *Migration and Alienation: Japanese-Brazilian Return Migrants and the Search for Homeland Abroad* (The Center for Comparative Immigration Studies Working Papers No. 24). San Diego, CA: The Center for Comparative Immigration Studies/University of California San Diego.

Tsuda, Takeyuki (2003). *Strangers in the Ethnic Homeland: Japanese Brazilian Return Migration in Transnational Perspective*. Nueva York, NY: Columbia University Press.

Urbano, Hudinilson (2011). *A frase na boca do povo*. São Paulo, SP: Contexto.

«Você mistura palavras em japonês quando conversa em português? Saiba mais sobre dekasseguês». *Isto é Japão! Vivendo e aprendendo* [Blog]. Disponível em: <<http://www.istoejapao.com/2150/voce-mistura-palavras-em-japones-quando-conversa-em-portugues-saiba-mais-sobre-dekassegues/>> [Acesso em 2 de fevereiro de 2015].

Yoshino, Kosaku (1992). *Cultural Nationalism in Contemporary Japan: A Sociological Enquiry*. Londres: Routledge.

Yoshino, Kosaku (1997). «The Discourse on Blood and Racial Identity in Contemporary Japan». Em: *The Construction of Racial Identities in China and Japan: Historical and Contemporary Perspectives*, editado por Frank Dikötter. Honolulu, HI: University of Hawai'i Press, pp. 199-211.

Wallerstein, Immanuel (1976). *The Modern World System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World Economy in the Sixteenth Century*. Nueva York, NY: Academic Press.

